



N.º 35 - LISBOA, 10 DE SETEMBRO

1.º ANO 1933

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**

**PREÇO AVULSO 20 RÉIS**  
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs.      Brazil, anno 52 numeros..... 22500 rs.  
Semestre, 26 numeros..... 2500 rs.      Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 2100 rs.      Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 12000rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accellam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOZIÇÃO  
**Minerva Peninsular**  
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO  
**Lithographia Artistica**  
Rua de Almada, 32 e 34

## VILLEGIATURA

**Resumo philosophico**



—Ah! se as ferias durassem todo o anno!...

—Felizmente que ha o tempo do estudo para descansar.

## A volta dos chefes

Desenvolveu-se ultimamente em Portugal a mania das viagens e os homens de Estado, que n'outros tempos severamente se guardavam de viajar, como de uma extrinseca impropria da sua idade e das suas altas funções, desataram, como toda a gente, a partir para o estrangeiro.

Não foi sem surpresa — digamolo — que os vimos partir, porque se o habito desenvolto de viajar não estava na tradição dos chefes politicos portugueses, o conhecimento de outras civilisações, de outros povos, outras leis, outra religião, outros costumes não estava por assim dizer no seu destino.

O nosso homem d'Estado era muito excessivamente nacional para que podesse a nosso vêr deslocar-se.

Os srs. José Luciano e Hintze Ribeiro, hoje, como outr'ora os srs. Brancamp e Fontes não eram em rigor individuos: eram instituições. Vêr deslocar um para Anadia, outro para Algés era o maximo de mobilidade que lhes attribuíamos.

Por outro lado, a sua genuidade não era a nosso vêr compativel com outro meio social. O sr. José Luciano como o sr. Hintze Ribeiro tinham uma athmosphera — S. Bento. Fóra d'ella as nossas imaginações não os comprehendiam. Eram illogicos e eram disparatados.

Quando se falou pela primeira vez em que o sr. José Luciano iria a Paris, houve um movimento geral de incredulidade, como se corresse a noticia de que os Jeronymos iam viajar.

Depois, teve-se a impressão de uma desordem irreparavel no mecanismo politico da nação. O sr. José Luciano em Paris era a opposição ausente, e em Portugal, um governo sem opposição é uma balança sem um prato. Como se iria governar?

Quando a noticia se confirmou, sobrevieram preocupações d'outra natureza.

Estava o sr. José Luciano verdadeiramente preparado para viajar?

Tinha elle uma porção sufficiente de idéas?

Tinha elle uma porção sufficiente de camisas?

Iria só, em primeira classe, com um lunch, não se entendendo senão muito incompletamente com os horarios, exposto a ficar encalhado pelo caminho n'alguma perdida *gare* hespanhola, ou fazer-se-hia acompanhar de alguém — pratico?

Falava elle, ao menos, o francez? Na duvida — ter-se-hia munido de um dictionario de conversação?

Em Paris, como se conduziria? Tinha sido recommendado aos consules?

Levaria a Carta?

E roupa?

Seguidamente, a nação poz-se a pensar como seria em Paris o sr. José Luciano, com o seu ar vintista e os seus principios de opposição ao partido regenerador, no meio da Democracia e da Critica, entre o radicalismo republicano de Combes e o socialismo de Jaurès, ouvindo trovejar a *Livre Parole* e sentindo por cima da cabeça os assobios de Rochefort — e a nação não conseguiu sair da sua surpresa.

N'isto — fiel á mechanica constitucional — logo após o sr. José Luciano parte o sr. Hintze Ribeiro, e, então, o paiz teve a impressão de uma maior e mais infinita desordem no seio da politica interna.

Era o governo sem opposição e era peor — era o governo sem governo.

N'uma palavra era a rotação effectuando-se em Paris, entre a Magdalena e a Taberna Pousset, o *Correio da Noite* redigido no Hotel Balzac, a *Tarde* inspirada no Hotel de Liverpool, a nação mesma, quem sabe? dirigida pelo sr. Combes — ó sonho! — orientada pelo sr. Jaurès — ó chimera! — administrada pela senhora Liane de Pougy — ó phantasmagoria!

Mas eil-os que regressam — o sr. José Luciano á Anadia, o sr. Hintze a Algés — e tendo perguntado o que levaram, a nação pergunta hoje o que trouxeram.

Seria grosseira indiscripção investigar da bagagem de tão illustres chefes politicos.

Não podemos por isso enunciar o que elles trouxeram... nas malas.

O que porém, nos é licito presumir é que, além do que trouxeram nas malas, não trouxeram mais nada.

Como viajantes, enriqueceram talvez o seu guarda-roupa.

O sr. José Luciano ter-se-hia fornecido do *Bon Marché*. O sr. Hintze, para bem accentuar a sua divergencia de opiniões — do *Printemps*.

Como homens politicos, voltaram como foram — fieis á tradição, fieis aos principios, fieis aos programmas.

O sr. José Luciano trouxe a Carta Constitucional — grata á opposição.

O sr. Hintze trouxe o Codigo Administrativo — grato ao governo.

O sr. José Luciano assistiu, é certo, ao espectáculo da democracia franceza, como o sr. Hintze assistiu ao espectáculo da democracia suissa, mas de um e outro não trouxeram senão impressões theatraes.

Estes dois estadistas foram vêr a Civilisação, o Progresso, constituições livres, povos livres, a opinião, o ensino, o trabalho, o gosto, como iriam vêr uma magica.

O maravilhoso espectáculo acabou. Voltam a casa — ao que para elles

só é a realidade, porque tudo o mais, liberdade, progresso, opinião, ensino, trabalho, gosto, são puras visualidades theatraes.

Se algum de nós se lembresse de pedir neste momento ao sr. Hintze Ribeiro um só dos artigos da Constituição Suissa, elle, equivoocado, mandaria chamar — o Santos do Colyseu.

Para o sr. Hintze, como para o sr. José Luciano a realidade é Portugal, com a alliança ingleza, a divida, o deficit, a guarda municipal, o Veiga e quatro milhões de analphabets.

A França é o pesadelo.  
A Suissa é o sonho.

JOÃO RIMANSO.



### Ó YES com batatas

Quando foi do *ultimo-atum*  
Zé Povinho fez berratas,  
Grazinho como nenhum;  
Hoje o Zé dança o lundum,  
O' yes com batatas!

Elle tinha, coitadito,  
Algibeiras muito chatas;  
Porém já trocou o grito  
Aqui-d'el-rei peixe frito!  
Pelo yes com batatas!

Na sua alma de chicharro  
Sente esp'ranças muito gratas;  
Vae deixar o vil cigarro  
Porque vê direito o carro,  
O' yes com batatas!

Vae cantar o Hymno da Carta  
Das hortas nas serenatas;  
Não teme raio que o parta  
Espera papança farta,  
O' yes com batatas!

O Zé ao nosso alliado  
Saúda em ternas cantatas;  
E promette, emborrachado,  
De cantar, em vez de fado,  
O' yes com batatas!

O Zé deixa o portuguez  
Quando canta em funcanatas;  
E repete muita vez:  
— Eu já sei falar inglez,  
O' yes com batatas!

— Duvidei do *John Bull* —  
Diz hoje o Zé das bravatas;  
— Fui um burro e vi-me azul...  
Mas já canto ao norte e ao sul  
O' yes com batatas!

Não tarda *baguinho* a moio,  
Nãos replectas de *piratas*  
P'ra se espalharem no coio...  
E até cantará o Arroyo  
O' yes com batatas!



## OUTRA NA FERRADURA

Segundo os mais modernos classificadores, ha duas cathogorias de jornaes.

Os jornaes de idéas.

Os jornaes de factos.

Os inglezes, por exemplo, não querem idéas. A sua imprensa não lhes dá senão factos.

Os francezes querem idéas. A sua imprensa dá-lhes opiniões, pontos de vista, n'uma palavra — idéas.

Sem jornaes de idéas e sem jornaes de factos, porque a nossa imprensa a melhor informada não sabe simplesmente dizer-nos o que se passa em Madrid a tempo e horas, creouse entre nós uma nova cathogoria de jornaes.

Os jornaes de phrases.

Antigamente, os nossos jornaes eram politicos, á maneira do *Progresso*, ou da *Revolução de Setembro*, ou simplesmente noticiosos, á maneira do *Noticias*.

Além d'isso, havia o folhetim.

O folhetim morreu, com o Gaspar da Viola e a preta do mexilhão.

Hoje, o jornal é todo elle um folhetim.

Antes de chegar a conhecer nas suas linhas exactas o menor dos factos, o leitor tem de acompanhar o *reporter* — que digo eu? o folhetinista, o chronista, o romancista em todo o genero de divagações.

Estas são de duas ordens.

A saber:

Divagações litterarias.

Divagações philosophicas.

As divagações litterarias são — a *paysagem*.

As divagações philosophicas são — a *moral*.

Um desastre n'um andaime é um capitulo de romance.

Um carpinteiro altercando com uma costureira é uma novella inteira.

Um suicidio é uma autobiographia.

\*  
\*

Dois individuos mataram-se justamente a semana passada: um no Porto, outro em Lisboa. O do Porto matou-se por amor. O de Lisboa matou-se em circumstancias mysteriosas, tendo tido a precaução de arranjar as marcas da sua roupa, para verdadeiramente passar despercebido na morte, o que, n'estes tempos de publicidade e réclame a todo o transe, é puramente heroico.

Quem era este heroe?

Aqui está como um jornal nol-o diz:

«E' talvez um provinciano fugido ás amarguras do lar, um nevrosado a quem o bucolismo da sua aldeia pôz fremitos de vida nova» etc.

Eil-o aqui exposto na Morgue, tão anonymo na morte, como certamente o foi na vida, posto este jornal nos dê a entender que elle foi um *nevrosado*, o que só é qualidade de pessoas de distincção.

Foi reconhecido?

Não foi reconhecido?

Aqui está mais uma vez como o jornal verbosamente nos informa:

«A multidão impiedosa passa adiante do caixão envidraçado, escancarando commentarios de uma rudeza de calhau».

O jornal não nos diz em rigor se o cadaver do infeliz suicida foi reconhecido. Em compensação informa-nos de que uma multidão impiedosa, em frente do morto, «escancarava commentarios de uma rudeza de calhau.»

\*  
\*

O caso do Porto inspira a outro jornal estas considerações commoventes:

«O amor, que hontem levou um revólver ao ouvido d'aquelle rapaz, era o antigo amor que levava os apaixonados portuguezes ás luctas guerreiras, aos confins do mundo e que depois o fazia voltar a depor aos pés da mulher amada os louros da victaria, alcançada á custa de mil esforços. E' o amor paixão, e o amor fatalidade; é o amor portuguez».

Tem tido ultimamente muito summo o amor portuguez, em competencia com as queijadas da Sapa.

Considerando com pachorra o articulado em questão vemos que o «amor que levou um revolver ao ouvido d'aquelle rapaz, era o antigo amor que levava», etc.

Não é preciso saber mais.

Era um amor de levar... e trazer.

\*  
\*

Isto a philosophia.

Em materia de *paysagem*:

«A's 11 e 45 o comboio parava na *gare* de Cintra. Muito povo. Os vestidos alacres das senhoras, papoilados, cantavam no meio da côr escura e pesada dos fatos dos homens».

Estes vestidos *papoilados* a cantarem no meio dos homens, não eram vestidos.

Eram a Maria Cachucha.

\*  
\*

Os jornaes publicam alguns versos de um novo livro prestes a sair, do sr. A. Correia d'Oliveira.

Ultimo tercetto de um soneto do novo livro:

Que saudades terias! E elle, com seus Modos de quem duvida: «Hum, hum! Hum, hum!»

Fecho a janella. O' Vouga és mau... Adeus.

Segundo os jornaes, o livro intitula-se *Raiç*.

Supponmos porém que ha equivoco e que verdadeiramente se intitula — *Bens de raiz*.

\*  
\*

Fizemos allusão aos jornaes de phrases.

Tambem os ha sem phrases.

D'este theor:

**Desastre** — O funileiro José Pinheiro, estando a soldar uma canalisação, teve a infelicidade de se dilatar a lampada de gazolina, ficando queimado no rosto e mãos.

Este funileiro que «teve a infelicidade de se dilatar a lampada de gazolina» é o que nos resta da imprensa de factos.

\*  
\*

Celebra-se a bondade do novo Papa Pio X.

Segundo parece, este pontifice faz sentar todas as pessoas que o visitam, o que tem sido tanto mais reparado — dizem de Roma — «que Leão XIII, pelo contrario, fazia estar de joelhos os visitantes.»

De fórma que a côrte que verdadeiramente convinha a Leão XIII era uma côrte de esfregadeiras.

\*  
\*

As *Novidades* aconselham:

«Tratemos de compor as cabeças».

E' o que se chama um pensamento tauromachico.

\*  
\*

Um preso do Limoeiro revelou que da cadeia de Montemor já fugiram 22 presos, dos quaes 21 gosam liberdade.

O unico que está preso é o carcereiro.

O FERRADOR.

MOTE

No cimo da Cotovia.

GLOSA

Quando este, que é Papa-agora,  
Venceu cardeaes ladinos,  
*Te-Deus*, repiques de sinos  
Não faltaram por 'hi fóra:  
Disse a Maria Theodora,  
Ama d'um padre da Guia,  
Que foi tal a *sympathia*  
Por este Pio que entrou...  
Que apenas *Te-Deum* faltou  
No cimo da Cotovia.

SACRISTA

**A' IDA**

**A' VOLTA**



**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

Não tendo feito senão atravessar a fronteira, o sr. Hintze Ribeiro augmentou consideravelmente as suas proporções em face do seu paiz, do seu partido e dos seus amigos.

**Os horrores da cirurgia**

São de um articulista sociologo do *Correio Nacional* estas terriveis palavras :

«Para se evitar que o mal de um órgão do corpo chégué a affectar o restante organismo, elimina se, amputando-o. E esse órgão doente, assim separado, já não contamina o que antes lhe estava ligado, pelo que podia mesmo causar a morte da pessoa que o possuia».

E' um pavor, e nem sempre é um remedio.

Quantas vezes acontece que o desgraçado a quem cortaram o órgão — se cura da molestia, para depois morrer de desgosto!

Não foi esse o caso de Abeilard?  
Não foi esse tambem, por sympathia, o caso de Heloisa?

**Sonhe feliz**

Sonhei que era um illustre deputado  
E o melhor defensor da monarchia;  
O povo ao meu saber agradecia  
O vêr-se firtamente empanturrado.

Eu era como oraculo escutado  
Desde o Alto do Pina á Cotovia;  
Nas Côrtes triumphava o que eu dizia,  
Por saato patrio amor sempre inspirado.

Impei de orguinho no meu nobre emprego;  
E, julgando-me um rei que leis promulga,  
Inculquei p'ra ministro o meu gallego.

O que eu fiz, a sonhar, ninguem o julga! ...  
Mas d'esse enlevo d'alma doce e cego  
Sabem quem me acordou? Foi uma pulga.

**Phenomenos**

Diz um telegramma da Agencia Havas:

«*Marselha, 3.* — Uma mulher d'esta cidade, moradora na Rua Guérin, 33, deu á luz uma creança do sexo masculino, com cabeça de lebre, recoberta de pelo e boca e olhos monstruosos. A conformação da boca impede a creança de mamar».

Não ha duvida que o phenomeno é deveras interessante. Mas não são, porventura, de todos os dias, os casos semelhantes de creanças que nascem com cabeça de burro, e que fazem carreira, e que entram na Academia?

**Imagnes do Porto**

Um articulista furibundo do *Comercio do Porto* escreve :

«Para o fim de despertar iniciativas coloniaes, muito póde concorrer o Estado, auxiliando e protegendo essas iniciativas. Mas, infelizmente, o Estado em Portugal, com raras e honrosas excepções, ao passo que é mau pae para os nacionaes, é pae caritativo para os estrangeiros».

E Pae Paulino para os intervallos!

**Nomes de gente**

No recenseamento eleitoral de Portimão apparece o nome de um elector que se chama — Antonio do Carmo Provisorio.

Póde muito bem ser.

Nós conhecemos em tempo, no Brazil, um homem que se chamava — Manoel José Definitivo.

**Consultorio alegre**

Um dos muitos consulentes do Dr. Candido de Figueiredo, tendo ouvido dizer, frequentemente, *umbigo* e *embigo*, deseja saber qual é a forma culta e exacta, e qual a forma popular e mais ou menos corrente. E pede ao Doutor que lh'o mostre.

Candido de Figueiredo, sollicito, começa logo a desabotoar-se em explicações.

As leitoras do *Diario de Noticias* precisam tomar muita cautella com as perguntas que façam ao illustre lexicologo.

**Illustres enfermos**

Noticias da Anadia dizem-nos que a saude do Sr. José Luciano de Castro não inspira receios. A sua apparencia é boa, e está realmente bem disposto. Mas, segundo recommendação dos medicos francezes que o trataram, é indispensavel haver todo o cuidado em evitar a Sua Excellencia quaesquer preoccupações de character politico.

Folgamos duas vezes: com as melhoras que Sua Excellencia já tem experimentado, e com as melhoras que, por certo, vae experimentar tambem a politica portugueza.

**O Principe educa-se**

Mr. Lewis, alto commissario e delegado na Europa da Exposição de São Luiz, convidou Sua Alteza o Principe Real a visitar aquella exposição. El-Rei prometeu que sim.

Para Sua Alteza, a viagem aos Estados Unidos vae ser uma revelação. Sua Alteza não ignora a existencia dos Dois Mundos; mas imagina que um d'elles é o mundo official, onde vive, e que o outro é — o outro mundo!

A America vae ser para o Principe um mundo duas vezes novo!

**Cavaqueando com a musa**

Senhora D. Musa, esteja-me calada,  
Deixe o governo estar coberto co'a sanefa;  
Bem lhe basta, coitado, essa horrenda tarefa  
De endireitar paiz ha tanto encambichado!

Então você não vê, *grandicissima* aquella,  
O muito que se faz em prol cá da *futrica*?...  
Atreve-se a pensar que é uma bagatela?  
Tanta grásinação, tanto suar em bica?!

Olhe p'ra aquelle Arroyo, insigne papagaio,  
Que nem quer dar o pé ao seu melhor amigo:  
A sua eloquencia ate parece um raio  
Que desaba do céu para trazer castigo!

Bisbelhoteira audaz... pois não vê como o Franco  
Arranjou esquadrões de nobres patriotas? !  
Mais hoje ou amanhã leva isto um solavanco  
Que escangalha de vez o ninho das batotas...

Diz que vae por ahi uma grande desordem,  
E que são no farelo as taes economias?...  
Pois tenha confiança, ha de chegar a ordem,  
E quem tanto esperou esperé mais uns dias!

Calate, musa yil, não sejas maldizente,  
Tem confiança em Deus que é pae de todos nós  
Haja bom vinho e pão para atolar o dente  
E a tristeza que vá p'ra grã pata que a poz.

Astrologo qualquer aos luzos annuncia  
O reinado da paz, das eternas frescatas;  
E diz em alta voz que n'esse bello dia  
Ha de chover do céu carneiro com batatas.

BONIFACIO

**Caridade official**

Noticiou a imprensa que proseguem com muita actividade os ensaios dos officiaes do exercito que vão tomar parte no importante festival do Coliseu dos Recreios, a favor dos famintos de Cabo Verde.

E assegura-se desde já que a parte militar será um numero esplendido d'essa festa de caridade.

O que nós estranhámos é a abstenção do clero e da magistratura no programma do espectáculo.

Acaso não teriam sido convidados?

**W. C.**

Um collaborador do *Diario de Noticias*, em viagem atravez do Reino Unido, include nas agradaveis impressões d'esse seu passeio aquella que lhe deram os *water-closet* de Londres.

Na realidade, e segundo a descrição que o illustre viajante nos dá da montagem d'esse serviço, de tão indiscutível utilidade publica, muito tem ahi que aprender outros paizes, apezar do alarde que fazem de progresso e de civilisação.

Se a indole do nosso jornal no-lo consentisse, de bom grado transcreveriamos o trecho substancioso em que o collaborador do *Noticias* explica o funcionamento d'aquellas mansões inglezas. Em todo caso, ha um pormenor a que não podemos resistir. E' quando elle nos diz que, já a grandes distancias do *water-closet* publico, um grande dedo espetado indica ao transeunte afflicto o caminho... da Felicidade; e que o mesmo dedo vae guiando e acompanhando sempre o transeunte até elle lá chegar.

No meio da barafunda de Londres, esse dedo é—para o forasteiro—o verdadeiro dedo da Providencia!



**O Vesuvio**

'Stá em chammas o Vesuvio:  
Nem a cratera lhe tapa  
Um milagroso diluvio  
Das aguas bentas do Papal...

Tem havido (não sei quantos)  
Papas de engenho não fraco...  
E, sendo todos uns santos,  
Nenhum tapou o buracol...

Pois seria de altos planos  
O Papa que fizesse isso...  
Até aos napolitanos  
Não suaria o toutiço!...

Todos foram bem capazes  
De apagar chamma violenta  
Com santas, latinas phrases,  
E alguns barris de agua bental!...

Mas... esqueceram-se todos!...  
Foi descuido de sobejo!...  
E eu digo que, pelos modos,  
Papas tambem comem queijo!...



**A religião do Estado**

Por occasião de regressar a Lisboa, o Sr. Cardeal Patriarcha fez saber ao Governo ser seu desejo que não lhe fosse prestadas honras militares á chegada.

Assim se lyrou o Sr. Patriarcha de fazer uma coisa que não está nos seus habitos: — a continencia.

**Canções populares**

**MOTE**

Desde que este mundo é mundo  
Tanta gente tem morrido:  
Nem na terra fazem falta,  
Nem o ceo se tem enchido.

**GLOSA**

Ha crueis epidemias,  
Ha bexigas, ha sarampos  
P'ra devastarem os campos,  
Os palacios e enxovias;  
Surgem as guerras bravias  
Com seu negro horror profundo;  
Vem a fome e o vicio immundo,  
Vem do ceo raios em braza...  
E tudo isto nos arraza  
Desde que este mundo é mundo!

Custa o vivente a crear,  
Consome tempo e alimento,  
Mas a morte é um momento  
Quando o golpe quer vibrar.  
Uns sorve-os o alto mar  
Em vendaval desabrido,  
Outros a vida hão perdido  
Por os cegar a opulencia...  
E por amor á sciencia  
Tanta gente tem morrido!...

Rememorae as batalhas  
Sempre féras, sempre duras,  
Em que se enchem sepulturas  
Sem precisão de mortalhas.  
Mataram rijas metralhas  
Milhões dos que a gloria exalta?...  
Pois isso, se sobressalta,  
E' por mui curtos momentos...  
Nem no mundo ha mais lamentos,  
Nem na terra fazem falta!

Nascemos só para a dôr,  
Nada vale deixar fama;  
Só se vive em quanto se ama,  
Não ha vida sem amor.  
Se dá premio o Creator  
Aos que bem hão procedido...  
Então serei atrevido  
Em repetir em voz alta:  
Nem na terra fazem falta,  
Nem o ceo se tem enchido!

BONIFACIO.



**Potencias**

Uma revista belga de economia e estatistica publicou o quadro comparativo dos paizes cujo commercio de exportação excede mil milhões de francos.

O excesso, para as diferentes potencias commerciaes, foi o seguinte:

Inglaterra.....	8,833
Allemanha.....	6,258
França.....	4,236
Belgica.....	1,837
Italia.....	1,472
Hespanha.....	1,005

A potencia mais fraca é a hespanhola. E todavia é a Hespanha que faz a grande exportação dos cinturões Galvani!

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

*Serviço combinado com a Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta e de Salamanca á fronteira portugueza*

Feira annual e grandes touratas em Salamanca nos dias 11, 12, 13 e 14 de Setembro de 1903.

Bilhetes de ida e volta por preços muito reduzidos, validos pelos comboios ordinarios, para ida, de 7 a 23 de setembro, e volta, de 8 a 25 de setembro, aos preços de: de Lisboa-Rocio ou Caes dos Soldados a Salamanca e volta. 1.ª classe, 9\$060; 2.ª 5\$040, estando incluido o imposto do sello para o governo portuguez.

Mais esclarecimentos, vêr os cartazes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 3 de setembro de 1903

Pelo Director Geral da Companhia  
O engenheiro sub-director  
Augusto Luciano S. de Carvalho.

**Ourivesaria e Relojoaria**

com officina annexa  
de fabrico e  
concertos



**FLORINDO**

Joias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99



**A PARODIA**

Capas para encadernação do 1.º, 2.º e 3.º volumes

Preço de cada 700 reis

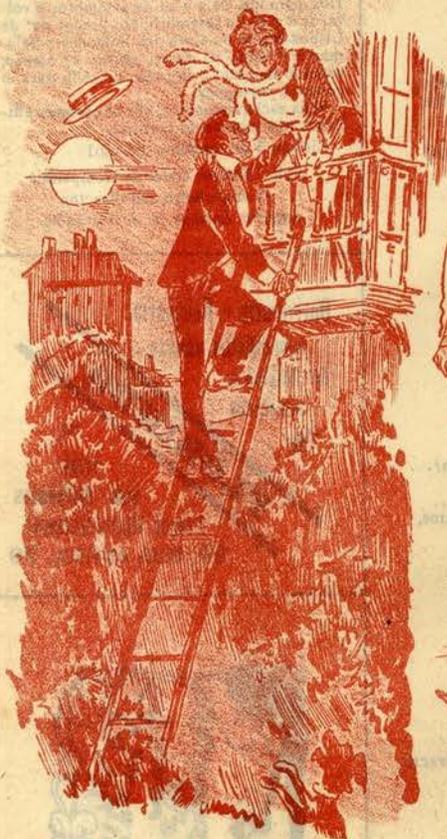
Vendem-se na Rua do Gremio Luizitano, 66, 1.º.

# AVENTURAS E CONQUISTA

DO

## CATITINHA DAS PRAIAS

Manobras d'outomno



Depois d'um cotillon bastante movimentado o nosso Catitinha, resolve tomar a praça d'assalto, em vista de attitude do Papá, disposto a partir no dia seguinte.



— Não, nunca, partirei contigo para o fim do mundo.

— Ah! menino que ahi vem o Papá, esconde-te aqui dentro.

— Então, menino, vamos lá para a estação que é tardissimo.



N'um abrir e fechar d'olhos, o Papá fecha a mala e colla-lhe um papel:



E ás costas d'um moço de fretes lá vae ella p'ra a estação.



E foi assim, que depois de uma viagem bastante movimentada o nosso Catitinha das Praias, teve as suzs contrariedades com a gente da alfandega.